



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

Centro de Investigação e Informação do
Património de Cacela
Divisão de Cultura e Educação /
Subdivisão de Cultura e Património
Histórico / CMVRSa

NOTA DE EDIÇÃO:

O início do verão traz-nos um novo número de "O Tomilho"! Nesta 46ª edição começamos por dar a conhecer a acção de voluntariado "CAIA-ME" que aconteceu em Maio, em Cacela Velha.

A rubrica *Aconteceu...* relembra as oficinas e passeios realizados em Maio e Junho e recorda a festa em homenagem a Santa Rita realizada nesta aldeia.

Fazemos um balanço do trabalho realizado pela equipa do CIIPC com as escolas do concelho, no âmbito da oferta educativa do município, e apresentamos trabalhos realizados pelos alunos que participaram nos projectos educativos desenvolvidos.

O *Objecto com História* escolhido nesta edição é o vassouro de caiar sendo a rubrica *Memórias e saberes sobre duas caiadeiras de Cacela, uma já falecida - Rita "Conquilha" - e outra ainda bem activa - Maria Celeste Nunes, que para além de partilhar a sua história de vida ainda nos deu o segredo da sua feijoada de lingueirão com batata doce.*

Para finalizar, oferecemos um passatempo associado à temática das lendas e damos conhecimento da agenda de actividades para Julho e Agosto,

NESTA EDIÇÃO:

"CAIA-ME" Fim de semana da cal em Cacela Velha	1
Aconteceu...	2
Oferta educativa	5
Objecto com História	8
Memórias e Saberes - História de duas caiadeiras	9
Receita	14
Passatempo	15
Vai acontecer...	16

O Tomilho

EDIÇÃO BIMENSAL
NÚMERO 46

JULHO /
AGOSTO
2023



SANTA RITA

"Caia-me" - Fim-de-semana da cal em Cacela Velha

"Caia-me" foi o apelo lançado pelo CIIPC/CMVRSa e pela ADRIP (Associação de Defesa, Reabilitação, Investigação e Promoção do Património Natural e Cultural de Cacela) à comunidade e público em geral com o intuito de preservar e cuidar de Cacela Velha, revalorizando materiais e práticas ancestrais ligados aos usos da cal.

No fim-de-semana de 20 e 21 de Maio, o empenho colectivo de mais de duas dezenas de voluntários, numa partilha entre saberes de mais velhos e entusiasmo de mais novos, de pincel na mão e cal no balde, tornou a vila histórica de Cacela mais branca, limpa e luminosa.



Um muito obrigado a todos os voluntários e amigos que responderam a este desafio e um agradecimento também a colegas da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela que colaboraram na criação de condições materiais para a concretização da iniciativa.

Fotografias de Agostinho Gomes e Hugo Esteves

ACONTECEU...

Oficina da cal

No âmbito do "CAIA-ME" - Fim-de-semana da cal em Cacela Velha, realizou-se no Sábado, 20 Maio em Cacela Velha a oficina "Cal e Cor nas Casas de Cacela Velha", com a orientação da Arquitecta Marta Santos, a quem muito agradecemos a partilha de saberes e técnicas ligados à cal. Durante a oficina, explorámos os processos de transformação do calcário em cal nos fornos de cal, os saberes dos mestres caleiros, as técnicas da caiação, da hidratação da cal viva e da execução das argamassas.



Mercado das trocas



Após 4 anos de interregno, o Mercado de Trocas voltou a acontecer em Cacela Velha no passado dia 7 de Maio. Um mercado alternativo que pretendeu sensibilizar e envolver a comunidade e visitantes na troca de bens, saberes ou serviços de forma directa sem dinheiro, tal como acontecia no passado, antes do recurso à moeda.

Neste mercado pudemos encontrar produtos da horta, artesanato, livros, brinquedos, roupa, música e oficinas.

Esta iniciativa, que apela a uma economia solidária, foi organizada pela CMVRSa – através do Banco Local de Voluntariado e Centro Investigação e Informação do Património de Cacela (CIIPC) – e Associação de Defesa, Reabilitação, Investigação e Promoção do Património Natural e Cultural (ADRIP).



ACONTECEU... PASSOS CONTADOS

Usos da cana. Do utilitário ao lúdico

Dia 14 Maio teve lugar o segundo passeio deste ano do Ciclo Passos Contados, desta vez sobre os usos da cana. Ao longo de um percurso junto a uma linha de água afluente do Rio Seco, com o artesão Domingos Romeira Vaz, ficámos a conhecer os diversos usos da cana (cestaria, moinhos de vento e brinquedos vários: apitos, flautas, cartaxinhos, espingardas, arco e flecha,...) e de outras matérias vegetais que fomos encontrando a longo do caminho (loendro, junça, junco,...). No final experimentámos todos trabalhar a cana, desde cortar ao ripar, dando forma a um cesto ou brinquedo. Ficam os nossos agradecimentos a Domingos Romeira Vaz, cujas mãos hábeis trabalham a cana desde criança, pela partilha de tantos saberes.



Final de dia na safra do Sal

As salinas da Salmarim situam-se em plena Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, em salinas centenárias, mas num local onde se colhe sal desde a idade do ferro. Neste percurso, realizado dia 3 de Junho, o produtor de sal Jorge Raiado revelou-nos as diversas vertentes associadas à produção artesanal do sal: a sua importância histórica na conservação dos alimentos, os saberes-fazeres associados à manutenção das salinas ao longo do ano, à extracção do sal e flor de sal na época estival e os valores naturais associados, especialmente as aves que aí se alimentam e nidificam, em pela Reserva do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António.

Foi um passeio rico em experiências: caminhada pelos talhos, recolha da flor de sal e, no final, degustação de tomate da época e berbigão com sal e flor do sal. Um agradecimento à Salmarim pelo acolhimento e partilha de conhecimento e experiências.



Actividade com a ASMAL



Dia 30 de Maio recebemos a visita trimestral dos amigos da ASMAL, com quem o Município de Vila Real de Santo António tem um protocolo com o objectivo de oferecer aos utentes desta associação de saúde mental do Algarve a oportunidade de realizarem actividades educativas com o CIIPC.

Neste encontro conversámos sobre a cal, os pigmentos mineiros provenientes da terra, as platibandas e sua importância na arquitectura popular algarvia.



Depois da conversa, foi tempo de arregaçar as mangas e realizar pequenas platibandas em madeira com a cal e pigmentos feitos pelos participantes através da moagem de torrões de terra de várias tonalidades. A inspiração veio de dentro de cada um mas também de fotografias de platibandas existentes na nossa região. Foi uma manhã cheia de cal e cor.

Festa em honra de Santa Rita

Organizada pela Fábrica da Igreja Paroquial de Vila Nova de Cacela, em colaboração com o Município de Vila Real de Santo António e a Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela, a festa em honra de Santa Rita, decorreu durante 3 dias nesta aldeia (2, 3 e 4 de Junho).

As cerimónias religiosas marcaram esta festa tendo o ponto alto das celebrações acontecido no último dia, Domingo, com a tradicional procissão. Uma hora antes, teve lugar a missa e a bênção de rosas, na Ermida de Santa Rita.

A par das cerimónias religiosas, o programa incluiu também espectáculos musicais, bailes, jogos tradicionais e actividades desportivas, para além de uma feirinha de produtos artesanais.



OFERTA EDUCATIVA - BALANÇO DO ANO LECTIVO 22/23

Com o término do ano escolar 2022/2023, chegam também ao fim as acções educativas realizadas pelo Município com os alunos do concelho.

Durante os 3 períodos escolares foram realizadas pelo CIIPC 44 acções educativas abrangendo 19 turmas (7 turmas realizaram mais de uma actividade). Participaram ao todo nas várias actividades realizadas, 359 alunos entre os 3 e os 12 anos, do pré-escolar ao 2º ciclo de várias escolas do concelho.

As 5 acções educativas propostas e realizadas pelo CIIPC na oferta educativa foram as seguintes:

- **Qual é coisa, qual é ela? Adivinhas da nossa tradição oral** (6 acções), realizada na escola;
- **À descoberta de profissões antigas** (9 acções), realizada nas instalações do CIIPC;



- **Arqueólogo por uma manhã** (5 acções), realizada na caixa arqueológica do CIIPC, Santa Rita;



- **Pomar de Sequeiro trocado por miúdos** (4 acções), realizada na Várzea de Cacula Velha;



- **Desenterrar o passado. Fazer falar pedras, ossos e cacos no túmulo megalítico de Santa Rita** (3 acções), realizada entre a aldeia e o túmulo megalítico de Santa Rita.



Foram ainda realizados 2 projectos educativos ao longo do ano:

- **Cal, cor e platibandas na arquitectura popular algarvia (7 acções com 3 turmas) e**



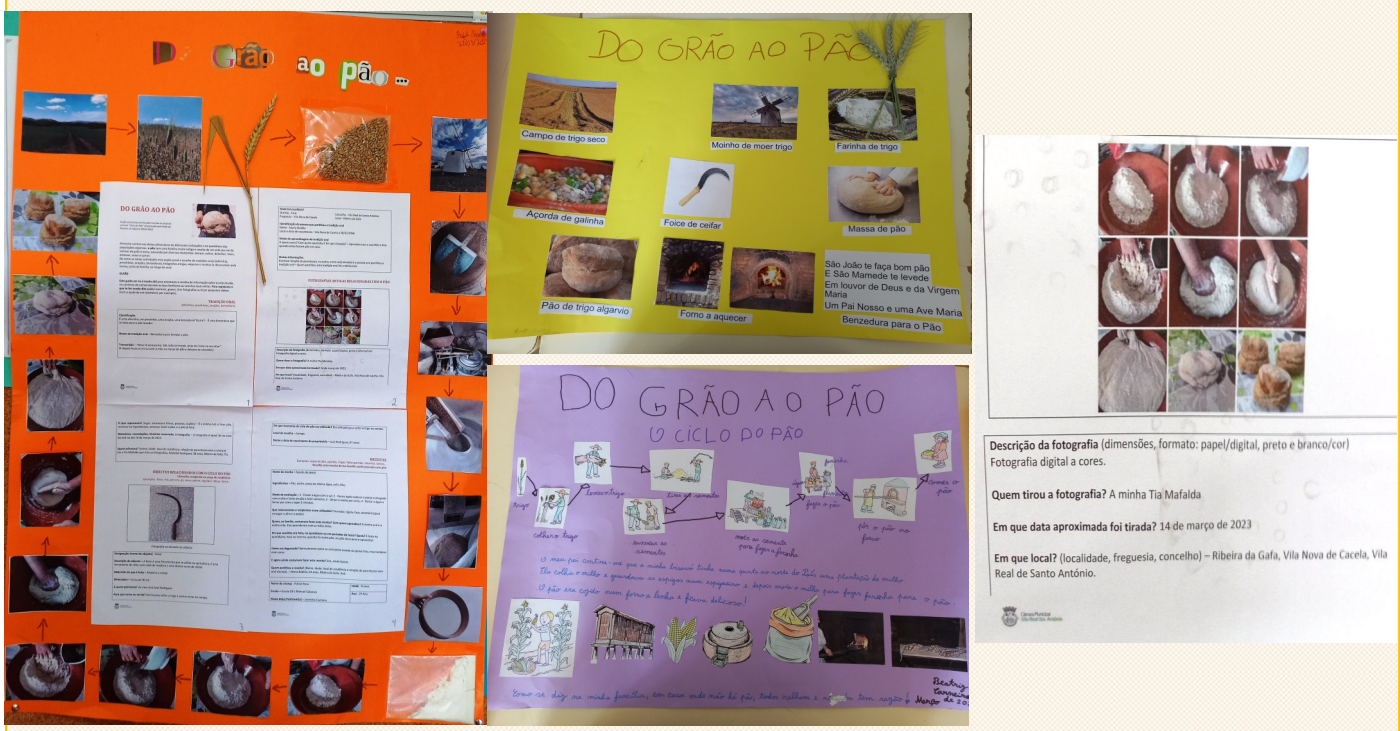
- **Do grão ao pão (8 acções com 3 turmas).**



Foi um ano lectivo rico em actividades para os mais novos que, esperamos, terem contribuído, por um lado, para o seu enriquecimento pessoal, social e cultural, e por outro lado, para a sua aproximação ao património, memórias e identidade da nossa região, sem nunca esquecer aquele que é um dos grandes objectivos da oferta educativa concelhia: enriquecer e complementar os currículos escolares.

A partir das acções e projectos realizados, algumas das turmas desenvolveram trabalhos sobre as temáticas desenvolvidas, dos quais publicamos alguns exemplos, agradecendo aos docentes e alunos esta partilha.

Trabalhos de alunos do 2º ano da EBI Manuel Cabanas, professora Leontina Caetano - Projecto educativo “Do grão ao pão” sobre o ciclo do pão.



Trabalhos de alunos da pré-escola JI/EBI Santo António, Educadora Nélia Ribeiro, - Acção educativa "À descoberta das profissões antigas"



Trabalhos de alunos do 4ºano da EBI Manuel Cabanas, professora Maria José Silva - Projecto educativo "Cal, cor e platibandas na arquitectura popular algarvia".



Objecto com História

Vassouro para caiar

DESCRIÇÃO DO OBJECTO

Este vassouro é feito totalmente com materiais vegetais: folhas de palma finamente ripadas e atadas, na parte superior, por tamissa feita também com a folha da palmeira anã torcida. Junto à extremidade inferior tem ainda um atilho feito com corda da pita. No conjunto, o vassouro mede aproximadamente 40 cm.

FUNÇÃO E CONTEXTO

Este vassouro é um pincel feito em palma que, depois de mergulhado na cal e retirado o seu excesso, serve para a aplicar nas paredes das casas, muros, poços ou outras construções. O atilho em corda de pita deve ser bem atado para a cal não escorrer. Para a caiadeira Maria Celeste Nunes, os fios de pita são os melhores porque fixam bem o pincel enquanto os de fios de nylon escorregavam e afrouxavam o nó. Para caiar as partes mais altas (de muros, casas ou outras construções) o pincel é atado com atilho a uma cana, rachada no meio para que o pincel se encaixe na ranhura. Quando os vassouros deixam de ser bons para caiar as paredes pelo seu gasto, na sequência de muito usos, passam a servir para caiar os algerozes nos telhados.



DADOS HISTÓRICOS

Este vassouro em palma pertence a Maria Celeste Nunes (ver entrevista na rúbrica *Memórias e Saberes*) e foi comprado ao Sr. Joaquim, vendedor que trazia os vassouros do Rio Seco, feitos por uma artesã dessa localidade. Quando a mercadoria chegava a Cacula, Maria Celeste estudava bem os vassouros e escolhia aquele que considerava mais bem executado. Segundo esta caiadeira, o segredo de um bom pincel “Era ser muito ripado. Havia uma tábua com uns pregos e elas batiam, ripavam com aquilo, ripavam, ripavam e quanto mais ripado, melhor era.”

Comprou vários vassouros a este senhor, tendo em conta que eram objectos de grande desgaste, sendo o da fotografia o último a ser adquirido.

O atilho, na parte de baixo do pincel, já foi feito pela caiadeira, essencial para um trabalho de caiação limpo.

Memórias e Saberes

História de duas caiadeiras

A propósito da acção de voluntariado para a caiação de Cacela Velha - “CAIA-ME”, urge fazer uma referência à profissão da caiadeira, mulher contratada para cair as casas dos seus clientes, particulares ou entidades públicas. Em algumas regiões do país, esta profissão era realizada por homens mas no concelho de Vila Real de Santo António e mais concretamente na freguesia de Cacela, cair foi e é sobretudo um trabalho de mulheres.

Nesta rúbrica contamos a história de duas mulheres para quem cair fazia parte da vida, a par de outras actividades que tinham no seu dia-a-dia.

A primeira história é de Rita “Conquilha”, já falecida, última caiadeira residente de Cacela Velha.

A segunda caiadeira, Maria Celeste, conta-nos a sua história na primeira pessoa através de uma entrevista realizada no passado dia 6 de Junho.

Rita “Conquilha”, história da última caiadeira de Cacela Velha



Natural de Cacela Velha, Rita “Conquilha”, como era conhecida, nasceu em 1917 e toda a vida viveu na sua vila natal.

A alcunha “Conquilha” herdou de gerações anteriores sendo a referência mais antiga a Ti Conquilhinha, bisavó da sua avó, Marquita Conquilha, com que Rita foi criada.

Com esta sábia avó, aprendeu não só a fazer a lida da casa e a trabalhar no campo, mas também muitos outros saberes da tradição oral como cantigas, orações, mezinhas caseiras, entre outros. Foi

também a avó Marquita Conquilha que lhe transmitiu os seus saberes como parteira, que aprendeu com outras mulheres, atraída pela sua curiosidade, sem contudo ter tido qualquer formação para tal.

Munida desses conhecimentos, Rita Conquilha acabou por ajudar em muitos partos. Segundo recorda numa entrevista que realizou para uma monografia de licenciatura *“Iam de carrinho de mulas a buscar, de bicicleta a motor... A Susana nasceu-me nas minhas mãos! Eu é que a lavei, eu é que a pus na cama... eu é que a cuidei e preparei e quando veio a mãe já estava toda arranjadinha”*. (**O património de Cacela Velha: A sabedoria popular enquanto componente do património cultural da aldeia**, Isabel Silva e Neusa Saraiva, monogra-

fia do 4º ano do curso de licenciatura em Educação e Intervenção Comunitária, 2003, Universidade do Algarve)

Rita Conquilha, tal como muitas outras mulheres desta época e em zonas rurais, foram fundamentais nos partos que se faziam em casa sem qualquer assistência médica, seguindo as lei da natureza com a ajuda destas mãos experientes.

Foi também a última caiadeira de Cacela Velha. Ainda hoje é recordada sempre com o seu “tarrachinho” de cal e o pincel, caiando muros, pedras, potes com plantas, algumas casas, imprimindo um brilho em tudo o que tocava com o seu pincel.

Entrevista a Maria Celeste Nunes, actual caiadeira

1. Como se chama?

R: Maria Celeste Santos Nunes

2. Onde nasceu?

R: Eu nasci em Santa Rita em 1947, numa casa ali como quem sobe a estrada para Santa Rita, do lado esquerdo onde agora estão umas figueiras novas. Era um monte velho, a casa era arrendada a uns senhores mas depois o monte foi a baixo e o herdeiro fez uma casa nova. A minha mãe foi criada com a avó materna dela que vivia em Santa Rita, num outro monte que era dela e da sua irmã. A minha avó chamava-se Maria Custódia Pereira. Os meus pais casaram e viveram em Santa Rita até eu fazer 1 ano, altura em que fomos viver para as 4 Estradas.

3. Então não tem recordações de Santa Rita na sua infância?

R: Lembro-me de ir às curas com a minha avó e de me deitarem uma coisa no ouvido. Não tinha problema nos ouvidos mas fazia-se, toda a gente fazia.

4. Que escola frequentou, D. Celeste?

R: A escola primária de Vila Nova de Cacela (o actual edifício da pré-escola) e a minha professora foi a D. Maria Isabel, até à 4ª classe. Depois de casada, fui viver para a Manta Rota. Tive 4 filhas. As 2 filhas mais novas nasceram na Manta Rota.



6. Com que idade começou a trabalhar?

R: Quando terminei a 4ª classe tinha 12 anos e fui trabalhar a apanhar a amêndoa e outros frutos, trabalhar no campo para uns senhores ali do canto do Cotovio, o Sr. Correia.

7. E com quem e quando aprendeu a caiar?

R: Olhe eu tinha para aí os meus 13 anos e aprendi a caiar com uma senhora que já morreu. Ela caiava e fazia limpezas e eu aprendi com ela, a vizinha Adelaide. Era do norte e vivia sozinha, não tinha filhos. Vinha de Leça da Palmeira e o marido era do mar. Ele foi para lá trabalhar numas traineiras, conheceu-a e trouxe-a. Ela foi caiar uma casa que o meu padrinho, tio da minha mãe, tinha comprado, ali a caminho da Manta Rota. Eu, depois da escola ia ter com ela e ajudava, caiava por baixo. Ela dizia “*faz assim, Maria Celeste, faz assim*”. Esfregava o chão de joelhos por causa das pingas da cal porque nessa altura não se protegia o chão. Depois é que se começou a ter a ideia de se colocar protecção no chão.

A minha mãe caiava as casas dela. E eu depois, já rapariguinha, trabalhava no campo e ao Domingo ia ao ribeiro lá no Cerro dos Barros lavar a minha roupa e a dos meus irmãos e depois, enquanto a roupa secava, eu lavava o chão para tirar os pingos da cal e dava o pezinho, que naquele tempo não havia rodapé, porque os miúdos sujavam. Eramos 7 irmãos.

8. Então trabalhar no campo era sua profissão...

R: Sim, era. No campo trabalhei só até casar, tinha 17 anos. Trabalhei com a minha avó na herdade da Torre mas quando deixou de trabalhar lá, também deixei. As minhas amigas e vizinhas trabalhavam ali todas na Ponte, no fumeiro do Sr. João da Venda e então eu também fui trabalhar para lá até casar. Ia com a Noémia, fomos as duas. Fiquei toda contente porque eu queria era ir trabalhar para lá porque havia moças, era mais divertido. A minha amiga Leontina perguntou logo à D. Henriqueta, que trabalhava no escritório do Sr. João, se me dava trabalho e eu fui. Íamos para o Almargem, íamos para outros lados assim no carro de mulas...fiquei lá até casar. Deixei de ir quando fiquei grávida.

O meu marido, Manuel da Rosa Pequeno, era tractorista aqui à do Sr. João Tamissa. Andou com o primeiro tractor que houve em Cacela. Quando voltei a trabalhar, depois das minhas filhas nascerem, arranjei duas casas de estrangeiros ali na Manta Rota. Ia fazer limpezas 3 horas, a 5 escudos à hora.

Depois também comecei a trabalhar para uma senhora inglesa, que comprou uma quinta ali quando se vai para as Casas Novas. Eu já tinha trabalhado para ela, com a D. Adelaide, a fazer limpezas.

9. Quando começou a caiar por conta própria, caiava para quem?

R: Para a Junta de Freguesia, mas também para casas particulares. Na Manta Rota, não há casa nenhuma que eu não tivesse caiado.

Havia mais pessoas a caiar em Cacela mas eu era mais nova. Amaranhava pelas paredes todas, pois as outras já eram mais velhas.

Fazia sempre este trabalho com 2 pessoas mas eu é que organizava. Eu é que caiava a parte de cima das casas, subia as escadas e escadotes. Elas caiavam a parte de baixo. Eu em cima das escadas ainda tinha um pau com um vassouro para caiar. Olhe, a parte do sino, aquela abóboda onde toca o sino, na igreja de Cacela Velha, para caiar lá, punha no telhado da igreja uma tábuia atravessada e depois punha a escada encostada ao sino e vinha uma segurar-me para a escada não rodar. E eu subia lá para cima e

caíava aquilo tudo com o pau e o vassouro na ponta. Ainda caíei 4 ou 5 vezes a igreja de Cacela Velha toda. Comecei a cair Cacela Velha nos anos 80. Antes de mim caíava um homem.

10. De onde vinha a cal que usava? Quem eram os fornecedores?

R: Vinha de Santa Rita. Tínhamos sempre cal. Punha-se num bidon com um plástico por cima, depois com uma correia de borracha apertava para não apanhar ar porque se abrisse ficava tudo em pó. E nós, à medida que tínhamos falta, o Brito vinha sempre trazer de carro de mula. Outras vezes iam lá buscar. Depois punha-se num armazém e colocava-se num recipiente próprio e 1 ou 2 dias antes de se começar a cair é que se deitava de molho. Mas as pedras ficavam lá dentro do bidon.



11. E o pincel? Era seu ou de quem a chamava para cair?

R: O pincel era meu que eu é que gostava de escolher porque não eram todos bons. Era daqueles de palma. Ainda tenho lá um. (Ver rúbrica *Objecto com História*)

12. Como se prepara a cal para ficar com a consistência ideal?

R: Coloca-se a pedra numa lata e vai-se pondo água pouco a pouco. A pedra vai abrindo e a gente vai mexendo sempre e pondo água pouco a pouco. Mexemos como se fizéssemos papas de milho. Se não, ficavam mal dissolvidas. Quando a cal estiver bem mexida toda em papa homogênea, vai-se deitando mais água pouco a pouco. E depois vai-se pondo outra pedra e vai-se mexendo sempre. É assim, dá muito trabalho. À medida que vamos caíando e vai ficando grossa, pomos mais uma pinguinha de água e mexemos. A cal deve estar tipo leite mais para o espesso mas não muito também, para espalhar bem. Sempre que via tábuas ou atilhos, apanhava e guardava. Tabuinhas e ripas das obras eram boas para mexer a cal porque com a cana não é bom, é melhor com tábua. E latas e balde também recolhia, os mais pequenos eram bons para pendurar nas escadas com ganchos feitos pelo meu marido para cair as partes altas.



13. Qual é a altura ideal do ano para cair?

R: Era quase sempre aí à entrada do Verão, a seguir à Páscoa. Quando começa a haver mais calor, Abril, Maio. Mas não se pode cair com a parede ao sol porque a cal começava a partir, a estalar. É bom a parede não estar muito quente. Foi um bom dia, aquele que caíamos Cacela Velha (Acção de Voluntariado a que fazemos referência na pag.1). Merecia era ser feito outra vez para o ano. Aquilo estava muito faltado, estava muito mal. Sendo Cacela Velha uma vila tão visitada é uma pena não estar mais bem tratada. Quando era no tempo do Sr. José Roberto, ele mandava sempre cair e no tempo do Sr. Solá e do Sr. Nicolau também, agora é que não, diz que não há dinheiro. Até na fortaleza se caíava, eram os homens, os guardas que caíavam. Mas depois no tempo do Sr. Solá pediram-me para ir lá cair por dentro. E agora cada vez se usa mais a tinta. Quem faz casas novas já só usa tinta.

Mas ainda houve uma altura que quando se construía uma casa caíava-se uma primeira demão com cal muito rala para depois se gastar menos tinta pois era mais caro. Pois o cimento absorve a cal e pede depois menos tinta.

14. Porque razão acha que as pessoas deixaram de caiar e começaram a usar tinta em vez de cal?

R: Diziam que era melhor, que ficava mais bonito, durava mais, escusava-se de caiar todos os anos. As barras das casas era tinta de cor.

15. Também caiu com pigmento?

R: Sim, claro. Era com um pó misturado na cal, chamavam-lhe oca, o amarelo. Nas cozinhas era tudo amarelo. Abria-se a cal e depois de preparada ia juntando-se o pó e mexendo sempre até ficar com a cor que se queria. E nas barras das casas também. Era azul, verde também. Nas 4 Estradas a minha mãe tinha a casa de jantar verde clarinho.

16. Portanto caia também dentro das casas?

R: Sim, dentro e fora. Dentro não era todos os anos mas por fora sim, as pessoas mais antigas caiavam sempre. As que podiam caiar, caiavam elas. As que já não podiam, pediam a alguém. *“Ah, Maria Celeste, venha-me lá limpar a casa e a caiar os quartos”*. Os quartos queriam sempre. *“Posso morrer e depois vêm-me acompanhar e dizem «Ai esta mulher era muito porca, tem um quarto muito sujo»”*. Era a questão da limpeza.

E ia trabalhar para certas casas ricas que mudavam cortinados e a decoração para substituírem por novos e eu levava sempre o que era para deitar fora para levar para as casas das velhotas. Quando ia caiar as casas das velhotas muitas vezes tinham os cortinados muito velhos e eu substituía-os pelos novos. As minhas colegas diziam que ninguém me iria agradecer pelo que eu fazia mas eu gostava de fazer e ver depois o resultado. Também quadro que deitavam fora para substituírem por outros eu guardava para a casa das velhotas. Havia uma que era a tia Rita que quando eu acabava dizia *“Já posso morrer, já não me chamam porca, já tenho o meu quarto caiado, tenho um cortinado novo e um quadro novo”*. E na altura em que vinham os banhistas e elas alugavam as casas, também tinha que se fazer.

Entrevista realizada em Vila Nova de Cacela, dia 6 de Junho de 2023

Resta-nos referir a participação de Maria Celeste Nunes em duas acções de voluntariado para a caiação de Cacela Velha, a primeira em Junho de 2011 - Vamos Caiar o Nosso Património - organizada pelo Banco Local de Voluntariado de Vila Real de Santo António em parceria com o CIIPC e a ADRIP, e uma segunda em Maio do presente ano - “CAIA-ME”, fim-de-semana da cal em Cacela Velha - organizada pela CMVRSÁ/CIIPC e ADRIP, com o apoio a Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela. Durante estas acções, Maria Celeste partilhou os seus saberes sobre a arte de caiar com todos os voluntários que a elas aderiram.





Feijoada de lingueirão com batata-doce, receita de Maria Celeste Nunes

INGREDIENTES

- Lingueirão
- Batata-doce e batata branca
- Feijão maçanilha
- Tomate maduro
- Cebola
- Alho
- Pimento vermelho e verde
- Louro
- Sal
- Azeite
- Coentros ou salsa



Preparação

- Demolhe o feijão de um dia para o outro e coza-o na panela de pressão.
- Lave muito bem os lingueirões e abra-os no lume com água ferver. Quando estiverem abertos, reserve a água da cozedura e deixe-os arrefecer para depois os cortar aos pedaços.
- Numa panela, faça um refogado com o azeite, cebola, alho, tomate bem maduro e acrescente os pimentos e o louro.
- Junte água da cozedura dos lingueirões e os lingueirões já cortados ao refogado, junte os lingueirões e deixe cozinhar. Acrescente as batatas cortadas em cubos ou rodelas ao refogado.
- Deite o feijão no preparado e deixe acabar a cozedura terminado com coentros ou salsa picados.
- Sirva quente. Bom apetite!

Algumas curiosidades sobre a história da batata-doce

. Começou por ser encontrada em grandes quantidades nos Andes (Peru) e no Haiti, durante a exploração da América do Sul iniciada por Cristóvão Colombo.

. É introduzida na Europa no início do Séc.. XVI, não havendo inicialmente distinção entre a batata e a batata-doce.

. Em Portugal, apenas no séc. XVIII surgem receitas publicadas especificamente com batata-doce.

. Uma das variedades portuguesas mais importante é a *Lira*, a batata doce de Aljezur. Esta variedade foi trazida na 2ª guerra Mundial por um contingente de militares aljezurense (um dos soldados com a alcunha de *Lira*), destacado para os Açores, onde já havia se plantava esta variedade, proveniente da Califórnia.

Passatempo...

Lendas de Mouras Encantadas

As lendas da nossa tradição oral são ricas em relatos de encontros com mouras encantadas.

Belas e enigmáticas aparecem junto a fontes, ribeiras, penedos ou ruínas penteando os longos cabelos, com preciosos pentes de ouro. Dizem que habitam em fontes, poços, rios, grutas, minas, antas e ruínas, e aí guardam os seus tesouros. Há quem diga que vivem na moirama, um mundo maravilhoso e labiríntico debaixo da terra, com túneis que desembocam em palácios de ouro e cristal.

Encantadas em serpentes, touros ou leões, em certos casos meio mulheres e meio cobras, guardam tesouros nas entranhas da terra, que oferecem a quem lhes quebrar o encanto.

Segundo o povo, no Sul onde a presença muçulmana foi mais longa e intensa, quando os mouros, pela força das armas cristãs, largaram as nossas terras, deixaram lindas mouras em guarda dos seus tesouros. São de ouro, prata e pedras preciosas, mas aparecem disfarçados em coisas banais, como carvão, tijolos, figos.

Nas lendas, o desencantamento da moura e a conquista do tesouro implica provações de ordem moral e espiritual: o cumprimento de um pacto, o controlo de impulsos como a curiosidade, ou o seguimento das regras ditadas por um sonho sonhado 3 vezes.

Descubra as 7 diferenças entre estas duas mouras....



VAI ACONTECER...

EXPOSIÇÕES

“PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA”

CIIPC /CMVRS

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00

OFICINAS DE VERÃO

Para crianças de jovens (entre os 6 e os 14 anos)

CIIPC, Antiga escola primária de Santa Rita,

das 9h30 às 12h30

26 Julho (Quarta-feira) – Vem brincar com a cal e os pigmentos

2 Agosto (Quarta-feira) – Vem criar uma pequena horta

Gratuito até um máximo de 12 participantes, sujeito a inscrição prévia

NOITES DA MOURA ENCANTADA

Cacela Velha

14, 15 e 16 de Julho

Música, dança, gastronomia, mercado de artesanos, oficinas, animação

Organização da CMVRS, Ibérica e ADRIP

PASSOS CONTADOS - PASSEIOS PEDESTRES DE INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM

O FIGO NO ALGARVE.

DA ÁRVORE AO FUMEIRO

Com o agricultor João Sol

27 Agosto (Domingo)

Ponto de encontro: 7h00 em Santa Rita

CLÁSSICA EM CACELA

12ª edição Tema: Música Vocal

Cacela Velha/ 21h30 / Igreja

Entrada livre com donativo

25 agosto - O Bando de Surunyo

28 de agosto - Grupo Vocal Olisipo

CINEMA NA RUA

Cacela Velha, Cemitério Antigo, 21h30

Entrada livre sem lugares reservados

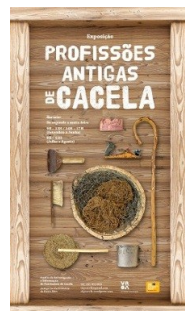
10 Agosto—**Nayola** de José Miguel Ribeiro (2022)

Animação, Fantasia | Longa-metragem | 1h 30min | M/14

31 Agosto—**A Odisseia dos Tontos** de Sebastián Borensztein (2019)

Comédia, Drama | 116 min | M/12

Organização: CMVRS e Cineclube de Faro



POEMA

De Pedra E Cal

De pedra e cal é a cidade
Com campanários brancos
De pedra e cal é a cidade
Com algumas figueiras

De pedra e cal são
Os labirintos brancos
E a brancura do sal
Sobe pelas escadas

De pedra e cal a cidade
Toda quadriculada
Como um xadrez jogado
Só com pedras brancas

Um xadrez só de torres
E cavalos-marinhos
Que sacodem as crinas
Sob os olhos das moiras

Caminha devagar
Porque o chão é caído

Sophia de Mello Breyner Andersen



Câmara Municipal
Vila Real Sto. António

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António / Divisão de Cultura e Educação/ Subdivisão de Cultura e Património

Coordenação e redacção: Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela

Colaboração: Maria Celeste Nunes, docentes Leontina Caetano, Maria José Silva e Nélia Ribeiro e seus alunos

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIP CACELA